

MISÉRIA E DESTERRO NAS GEOGRAFIAS DA ABUNDÂNCIA

Nathália Pereira Silva¹

Resumo: O trabalho tem por finalidade estabelecer as relações de território e literatura que estão propostas na obra de Jorge de Lima, apontando aspectos de relevância para a construção de um perfil de Alagoas que compactue com as descrições e vivências abordadas em Calunga. A relevância do estudo se dá por esmiuçar a geografia de Alagoas identificando os seus diferentes territórios, e a partir dessas identificações, os seus processos culturais também são considerados. De acordo com as informações coletadas, passaremos a defender que, a independência na criação literária é fundamental para trazer ficcionalmente os cenários alagoanos a partir do olhar do escritor e como sua liberdade proporciona maior desprendimento de padrões e diversidade. Contudo, a ficção serve para pontuar os aspectos culturais da sociedade, tendo em vista que suas características não estão dissociadas da vivência, logo, impossível de ser deslocada do indivíduo. A partir desse cenário de particularidades, o romance alagoano ganha proporção e se configura enquanto objeto de reafirmação identitária e cultural.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Jorge de Lima, Geografia Alagoana, Território.

Eixo temático: GT 2- Cultura Nordestina.

Introdução

A fim de contribuir para os estudos da literatura alagoana, escolhemos os conceitos principais da base para a construção teórica deste trabalho que estão voltados para as concepções de Modernidade, Modernismo e Modernização, visto que as teorias pós-coloniais se atentam para esses novos processos de significações e concepções concentradas nas criações do moderno. Noções de cartografia também serão pontos de importância para tratar das geografias, juntamente com as noções de territorialidade.

1

“I Seminário de Dinâmicas Territoriais e Culturais do Nordeste: 200 anos de (re) invenções de Alagoas, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC) da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, realizado entre os dias 27 de novembro e 01 de dezembro de 2017, na cidade de Arapiraca/AL”.

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão Sede em Delmiro Gouveia. Mestranda pela Universidade Estadual de Alagoas, Campus Arapiraca pelo Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Cultura (PRODIC). E-mail: nathliapereira@outlook.com / Telefone pra contato: (82) 98167-3733 ou (82) 99950-3609.

Outros dois conceitos de bastante predominante no trabalho serão as definições de identidades culturais e imaginários. Esses dois últimos conceitos assumem boa parte dos termos empregados na pesquisa, pois estão postos enquanto norteadores dos pensamentos de vida e estrutura cultural e social do nosso objeto principal.

Imagens de uma territorialidade

Precisamos perceber que os fatos pontuados no romance não são adereços, mas trazem suas intencionalidades para a obra. O valor estético está em saber perceber as peculiaridades do romance e como os valores se constituem. Para isso, o autor é um elemento de grande importância. A obra literária então faz com que o papel essencial do escritor seja fazer com que toda a ambientação romanesca esteja de acordo com a harmonia do enredo, personagens, clima, comportamento e referências postas de acordo com a década. Os temas abordados referenciam o período equivalente à escrita e as escolhas autorais não poderiam ser aleatórias, pois, caso algo não faça sentido, está inconstante com a verossimilhança do enredo, de modo que, pré escolhas e esquemas, de antemão, ajudam a nortear a escrita.

O escritor é aquele que por sua sensibilidade maior é capaz de suportar, mesmo através das vidas e das psicologias dos vários personagens que cria, o peso dos problemas, dos desafios, das alegrias e das frustrações evidenciadas pelos outros. É aquele que tem uma audição mais ampla que o possibilita escutar o outro (VALLADARES, 2013, p.51)

O escritor consegue manipular o texto para que os personagens não sejam configurados, mas, estejam de acordo com a verossimilhança da obra ficcional e tratar de construir novas modelagens para sua padronização, o que faz com que o leitor não assemelhe e se identifique com as propostas literárias. Desse modo, se em determinado momento, personagens que não compactuam com a estereotipação, logo se achará um destino a esse estranho contextual. Fatos incoerentes na narrativa servem para um desfecho pontuado, delimitado e direto. Se o personagem não se molda, tomaremos providências. Em Calunga² a abordagem em sua narrativa é uma exemplificação concreta de personagem estranho. Lula Bernardo, ex morador das terras alagoanas, homem letrado, para alguns personagens ele é o *doutô* ou o *patrãozinho*, e, por não pertencer mais ao

² A partir de agora, para evitar repetições, as exemplificações de Calunga serão colocadas apenas com número da página da obra.

ambiente, choques de realidades se confrontam entre protagonista e antagonista. Frases como: “Isso não é terra pro senhor, que conhece outras paragens e é moço lorde e traquejado” (p. 42) eram a todo o momento pronunciadas, dando a perceber precipitadamente, que o personagem não estava em harmonia com o lugar. Tendo em vista que, um homem do perfil do Lula Bernardo não se adequaria ao enredo, porém, caso insista em participar da narrativa, intencionalmente, o autor dispõe de oferecer um destino ao personagem deslocado, no caso de nossa narrativa, a morte.

A geografia serve também, em seus termos espaciais para definir um questionamento das teorias sociais. O espaço geográfico conta a história do lugar, e determinados domínios trazem ideologias epistemológicas para definir e ser considerado no controle social, visto que, são os espaços que delimitam em que mundo econômico, qual o tipo de pessoa, língua, cor, hábitos que os habitantes terão ou agregarão a si, pois, o espaço manipula todos os processos de articulação social.

O que afirmamos, então, é que o arranjo espacial brota tanto do processo de produção distribuição, quanto do controle que se exerce sobre as relações existentes entre as classes. Como o processo de produção-distribuição se faz sob o condicionamento das formas como se travam as relações entre as classes, pode-se afirmar que o arranjo espacial, na verdade, numa sociedade de classes, reproduz em síntese as relações de classes da formação econômico-social (MOREIRA, 1982, p. 15).

Percebamos então que a geografia e os tipos humanos estão totalmente envolvidos e interligados entre si. Muito provavelmente, os estereótipos se manifestam pelos processos que a geografia local impõe perante seus habitantes. Os tipos comportamentais afirmam isso, mediante suas localidades, os personagens assumem determinado papel e vida social. São contrastes que sempre associamos como opostos. O campo, sempre é o bucólico, a natureza, os sentimentalismos, pessoas puras, comida farta, sossego, família feliz, ar puro. A cidade, por sua vez, reflete o cinza dos prédios, pessoas solitárias, violência, multidões apressadas, fast-food, relacionamentos banais, gente triste e viciada, solidão. “Os contrastes entre ganância e inocência” (WILLIAMS, 2011, p. 81). Percebe-se também que a autenticidade, as religiosidades, a fé que a população celebra estão como princípios de base das construções sociais. Entendamos então o justificativa do espaço geográfico enquanto influenciador das propostas de vivências e comportamentos humanos.

Uma visão romanesca sobre Alagoas

A partir dessas perspectivas de geografias, Alagoas se configura enquanto uma terra de águas e retrata certos comportamentos e vivências que se formam nesse ambiente. Calunga, que foi publicado em 1935, numa década de grandes construções e revoluções em Alagoas, neste mesmo período alguns romances produzidos em Alagoas ganharam destaque por suas temáticas de grande importância para a identidade alagoana, e além do nosso objeto de estudo, temos *Ninho de Cobras*³, *O anjo Americano*⁴ e *Angústia*,⁵ como alguns exemplos de obras alagoanas que retratam traços das águas em Alagoas e sua região.

Em *Ninho de Cobras*, por exemplo, romance escrito por Lêdo Ivo, apresenta em seus textos cenários urbanos que indicam a capital alagoana, Maceió. Seus contornos pontuam um período de ditadura, que reflete a violência a partir de intervenções do Sindicato da Morte. Uma organização criminosa que atuava nas terras alagoanas com o apoio da elite local.

Na obra *Anjo Americano*, o autor Luiz Gutemberg retrata o assassinato de Judite Haziot. Os acontecimentos da morte ocorrem no Rio de Janeiro, porém, tudo se volta para a cidade de Maceió pela curiosidade do noivo da vítima em desvendar o crime. Traços de abusos, violência, tortura e máfia se tornam os principais focos da narrativa. Ao tratar da capital alagoana, os exemplos pontuam como a vida sem lei se pontuava na região. “Tudo ali era determinado pela violência. “E tudo se recompunha, silenciosamente, como se nada tivesse acontecido” (GUTEMBERG, 1995, p. 34) e ainda narra, que, essa violência tinha fins específicos: “ –Aqui, todas as coisas se resolvem de duas maneiras. Pelo esquecimento ou pela morte. Mata-se por tudo e por nada” (GUTEMBERG, 1995, p. 43).

Quando Graciliano propõe *Angústia*, mais um romance alagoano, as negatividades do espaço explorado se acendem. As ressignificações da arte, a incorporação da realidade crua e sangrenta, a exclusão da passividade romântica, provoca. O romance é instigador e traz outra visão de Alagoas diferente de sua obra mais famosa, *Vidas Secas*. A nova proposta é mais livre, com menos acessórios, uma arte nua e crua.

³ *Ninho de Cobras*, romance de Lêdo Ivo, publicado em 1924, retrata com exatidão os cenários obscuros urbanos da capital alagoana.

⁴ *O anjo Americano* é um romance escrito por Luiz Gutemberg e publicado em 1937, que pontua traços de alagoanidade através do olhar de um estrangeiro, que busca informações do assassinato de sua noiva.

⁵ *Angústia* romance de Graciliano Ramos, publicado em 1936.

“Propuseram uma nova roupagem para a arte literária, propondo uma literatura brasileira alicerçada na desromantização do romance” (SILVA, 2015, p. 16). Os romances passam a ter abordagens mais abertas ao modo de vida equivalente à publicação da obra, juntamente com o período de criação dos romances, momento que se reconfigura diversas perspectivas políticas e sociais de Alagoas. Graciliano pontua nas primeiras páginas a vida sururu que levava um ser alagoano. Mostrando desde o início, que Alagoas propunha uma vida modesta.

Se pudesse, abandonaria tudo e recomeçaria as minhas viagens. Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida. Quando a repartição se fecha, arrasto-me até o relógio oficial, meto-me no primeiro bonde de Ponta-da-Terra (RAMOS, 2003, p. 07).

A nossa abordagem propõe tratar de Calunga com outras perspectivas, dessa vez, tratar da modernidade da escrita de Jorge de Lima, trazendo uma visão focada em percepções que abrangem a cultura. Olharemos o objeto por outras superfícies. Por ser uma obra literária, o romance sempre recebeu análises e olhares voltados para as perspectivas literárias, análises de personagens, traços de elementos narrativos, contrapontos, enfim, infinidades de propostas. O nosso olhar, por sua vez, trata a obra por suas geografias e territorialidades. Busca então toda a região das lagunas e pontua as práticas sociais, as explorações locais, dentre outras especificidades.

As terras lagunares são de grande importância para a constituição de Calunga, todo o enredo está tomado pelas águas e pelas suas peculiaridades. Na introdução da sua obra de estudos da cultura alagoana, Dirceu Lindoso descreve Alagoas como a terra das águas, uma terra de abundâncias de águas, com gente quase que anfíbia. E esse status de gente anfíbia me remeteu à infância, quando, em períodos de chuva eu brincava nas poças d'água com os girinos e pensava que eram peixinhos, as piabas que nasciam da chuva, até entender que os anfíbios eram seres que passavam maior parte de suas vidas na água, até terem maturidade e viver fora dela. Cruzando informações, percebi que denominar o quase anfíbia, seria de certo modo um equívoco, pois se retirar o povo alagoano das águas, a morte seria o resultado esperado. Os anfíbios não sobrevivem sem água, o alagoano também não. “Uma confissão *a seu modo anfíbia*, e que indica a presença das águas alagoanas na escrita de um dos seus filhos rebeldes” (LINDOSO, 2015, p. 11, grifos meus). São teorizações dos filhos de Alagoas que se misturam entre si. De um lado, a

seca do Graciliano Ramos, e do outro, as águas afogantes do Jorge de Lima. Contrapontos que se unem para construir essa interação alagoana.

O processo de povoamento territorial foi fundamental para a consolidação dos comportamentos, crenças e construções de vida local que até hoje possuímos e não podemos desprezar a todas as contribuições possíveis que fizeram parte deste processo. Mesmo com diversos componentes de interesse cultural, os colonizadores preferiram reprimir as práticas nativas e passaram a usar de violência e silenciamento para reprimir.

Segundo o historiador Ronaldo Vainfas no livro *Brasil, 500 anos de povoamento*, pouco se sabe sobre o número de indígenas que, em 1500, aqui habitava, com as estimativas variando entre 1 milhão e 6,8 milhões de nativos pertencentes a várias nações ou etnias. As mais numerosas, e que ocupavam as maiores extensões territoriais, eram a etnia Jê e a Tupi-Guarani (MOREIRA, 2010, p. 565).

De modo que, sabemos em dados marcados, que hoje a população pouco absorveu dos conhecimentos nativos, pois a repressão, a violência, e a dizimação do povo foi intensa e contínua. “Passaram a falar outra língua, a professar nova religião, alteraram seus modos de vestimenta e alimentação” (MOREIRA, 2010, p. 565), passaram também a seguir as regras dos dominadores pelas repressões e punições constantes que poderiam sofrer, percebemos especificamente o massacre que foi gerado quando dados revelam que houve uma redução extrema de nativos locais durante os primeiros momentos, e seguiu continuamente durante as décadas.

As perspectivas de Alagoanidade

Realização:

ProDiC UNEAL

No percurso da história conhecemos alguns remanescentes que por anos se esconderam e em algum momento marcado, se reergueram enquanto movimento forte e constante. Pela influência dos Quilombos, em Alagoas resistiram movimentos de resistência que lutam constantemente com os padrões elitista alagoano que tenta apagar as tradições nativas e moldar aos seus padrões. Todo esse planejamento está em propostas de branqueamento da população, onde, essa tese foi adotada no Brasil cujas ideias dispunham de terias que explicassem a superioridade da raça branca, o que foi um problema percebido no país, visto que seu povo possuía uma grande quantidade de negros

e miscigenados. A proposta seria que a imigração branca possibilitasse o branqueamento através de exclusão dos negros para as margens da sociedade, até que, através de privações, a raça desaparecesse. A problemática de todo o pensamento do branqueamento estava em questionar se o povo negro estava de fato ajudando a contribuir para o melhoramento da *civilização europeizada* ou se a diversidade de vivências do povo negro corrompesse toda a organização do país, já que, essa organização de fato não seria uma proposta que perdurasse por muito tempo.

A singular predisposição do *Português* para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarana quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; *o ar da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo.* A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África (FREYRE, 2006, p. 66, Grifos meus).

Esse movimento em outros momentos e ainda persistentes, já foram e ainda são fatos ocorridos no Brasil, momentos que a ideologia de povo ideal baseada nos pressupostos europeus, que proporcionava uma sensação de modernidade. Foi então que no fim do século XIX e início do século XX que o progresso se inseriu nas terras brasileiras como fonte de lucratividade. “A inserção compulsória da Amazônia na *belle époque* ocorre sob o consórcio da inserção objetiva da região à economia nacional, via produção do látex” (LIMA, 2002, p. 47), nesse caso, a borracha liderava os lucros na Amazônia. A manipulação da população estava então na violência pela imposição do poder, principalmente associado à posse de terras e dinheiro, e em Belém, os costumes passaram a se europeizar para que a cidade se tornasse boa, pois um ponto de lucratividade precisava ser belo e manter o alto padrão, alinhar a cidade para criar padrões de civilização europeia, produzir a imagem da cidade idealizada.

O processo de melhoramento da cidade estava no objetivo de manipular a vida tradicional local e tratar das ameaças que a população local causava. O método de embelezamento estava em causar atrativos ao local, pois a cidade precisava ser atraente, limpa, causar boa impressão.

O embelezamento da cidade resultava de alterações urbanísticas e arquitetônicas estimuladas por uma legislação que procurava modernizar os espaços públicos e dotar de certas características as construções, imprimindo, nas fachadas dos prédios, elegância estética, graciosidade e uma racionalidade condizente com as necessidades de ventilação e higiene exigidas pelo clima (LIMA, 2002, p. 56 apud DAOU, 2000, p. 31).

Como maneira de maquiar as adversidades cometidas, alguns marcos pontuaram a memória de mártires, pessoas que fizeram a história do estado maior, entre outras que de algum modo foram importantes. E esses nomes vão além dos dois primeiros presidentes da República. Alguns fatos que foram relatados na história foram financiados pelo governo ou outra instituição assumia o olhar ideológico que em muitos casos trouxeram prejuízos aos relatos, pois traços se perderam, nomes de grandes homens foram deletados, e para que a história de Alagoas se estabelecesse, muita coisa foi silenciada e perdida. Alagoas ainda estava em processo de autoconstrução, ela precisava se reerguer sozinha e se desmembrar de seu antigo dono Pernambuco.

Com efeito, antes de Alagoas tornar-se um lugar identitário, as terras pertenciam à Capitania de Pernambuco e foi durante três processos importantes de colonização que ganhou autonomia: a criação do Quilombo dos Palmares, o início da conquista do sertão, a implantação do comércio açucareiro. Esses processos foram a base para que o início da culturalização ganhasse base e iniciasse o novo estado, a nova terra autônoma que produziria sua própria economia, sua própria cultura, seu próprio povo, sua política (SILVA, 2016, p. 16)

Para manter foco nos privilégios nacionais, propomos o termo enraizamento como forma de especificar que o processo de convívio humano possui raiz e em sua coletividade, as marcas de personificações ou comportamentos bem indissociáveis das vivências humanas e sociais possam dar significação ao enraizamento. “Esse enraizamento, por mais embebido que esteja do ontem e por mais apoiado que se mostre no agora, longe de ser fator reacionário, tem sido, historicamente, um dos impulsos mais vigorosos para dinamizar as virtualidades de um povo.” (VANNUCCHI, 1987, p. 32-33).

Conclusão

A insistência em considerar as raízes como forma de produção cultural constante também reflete nas perspectivas gerais da vida da comunidade ou população. Essa

perspectiva de valor pelos traços locais configura um movimento de autopreservação e progresso pelas propostas de melhoramento intelectual e cultural do convívio social. Contudo, entendamos que valorizar as raízes e aceitar que as condições por ela propostas reflete em um melhoramento cultural, e não é um processo de aculturação. Não pretendamos propor que os processos de resgate sejam uma imposição sofrida, porém que eles mereçam um valor justo e considerado mediante ao comportamento das pessoas. Nos vemos mediante um mosaico construído com peças culturais, e para produzir uma bela obra, as peças precisam harmonizar com toda a estrutura.

Diante disso, delimitar os imaginários alagoanos que resistem enquanto referência de uma efervescência cultural, precisamos voltar aos movimentos brutos e iniciais dos processos de vivência local. Estamos falando de práticas que ainda continuam a fazer parte da vida da população. Jorge de Lima cita algumas desses referenciais no início de Calunga quando narra o percurso do personagem à sua terra natal. São determinados tipos de pessoas pontuadas no romance: Ricos e Pobres. Os ricos vivem em uma perspectiva de exageros, muita gordura e imundice. Porcos ricos. Homens imundos que ganham prestígio social pelo diploma e dinheiro. A classe pobre, por sua vez, é representada como pessoas analfabetas, também porcos, mas a comparação está na lama, pessoas doentes, desconfiadas e violentas. Instinto de sobrevivência. Animais. Esses pobres trabalham em labutas referentes aos seus produtos nativos, atributos da terra. São ambulantes que vendem cocada, bolo, pássaros, adereços. Rendeiras. Além desses, práticas que dependem totalmente das águas para a continuidade. Oleiros, canoeiros, pescadores, remeiros, tiradores de sururu. Estamos então em um complexo de práticas afogadas em água, lama e vida. Calunga, um romance alagoano, territorialidade lacustre.

Referências

Realização:

ProDiC UNEAL

BEZERRA, Edson. **Manifesto Sururu: por uma antropofagia das coisas alagoanas/** Edson Bezerra –Maceió: Viva Editora, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

GUTEMBERG, Luiz. **O anjo Americano: romance/** Luiz Gutemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras/** Lêdo Ivo. 3 ed. Rio de Janeiro: Topobooks, 1997.

LIMA, Eli Napoleão de. A inserção compulsória da Amazônia na *belle époque*. In: **Mundo rural e cultura**/ Org. Roberto José Moreira, Luiz Flávio de Carvalho Costa. – Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

LIMA, Jorge de. **Calunga**. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1959.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**/ Dirceu Lindoso. Maceió: Edições Catavento, 2000.

_____. **Interpretação da Província: Estudo da Cultura Alagoana**/ Dirceu Lindoso. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2015.

_____. O encontro das águas: *Calunga* contribuição a uma sociologia do palustre e a uma etnologia do anfíbio na cultura dos canais e lagoas dos alagados alagoanos. In: **Uma cultura anfíbia na transversalidade de saberes: Alagoas e Rússia**/ Maria de Lourdes Lima (organizadora). Maceió: EDUFAL, 2015.

MOREIRA, João Carlos. **Geografia Geral e do Brasil**/ João Carlos Moreira. São Paulo: Scipione, 2010.

MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica- O saber posto em questão**. Petrópolis: Vozes, 1982. Disponível em: <file:///C:/Users/Nathalia/Downloads/MOREIRA,+Ruy_A+Geografia+Serve+para+Desvendar+M%C3%A1scaras+Sociais.pdf>. Data de acesso: 06-12-2016.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**/ Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.

SILVA, Márcio Ferreira da. **A geografia literária de Lêdo Ivo**/ Márcio Ferreira da Silva. Maceió: EDUFAL, 2015.

SILVA, Nathália Pereira. **A estranheza da Palavra: narrativas entrecortadas no romance Lãs ao vento, de Arriete Vilela** / Nathália Pereira Silva . - 2016. 49f. Monografia (Letras) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2016.

VALLADARES, Henriqueta do Couto Prado. **Esaú e Jacó: olhares sobre a leitura**/ Henriqueta do Couto Prado Valladares. São Paulo: É Realizações, 2013.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura Brasileira**/ Aldo Vannucchi. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade, na história e na literatura**. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.